

A busca da autenticidade da experiência em um personagem de Hermann Hesse

Maria Laura de Oliveira Couto¹ e Édio Raniere²

Resumo: O presente trabalho consiste em uma análise compreensiva do personagem Sidarta, protagonista do famoso romance de Hermann Hesse. Teve como principal objetivo a produção de uma hermenêutica sobre os quatro eixos existenciais - tempo; espaço; outro; obra- em Sidarta. Como resultado, encontra-se no personagem em questão uma problematização entre autenticidade e inautenticidade. Trata-se de uma descrição analítica fundamentada pela fenomenologia existencial, na qual se recorre à literatura universal como possibilidade de compreensão do fenômeno humano.

Palavras-chave: tempo; espaço; obra pessoal; romance; filosofia fenomenológica existencial.

The search for authenticity of experience in a Hermann Hesse's character

Abstract: This work involves a comprehensive analysis of the character Siddhartha, the protagonist of the celebrated novel of the same name by Hermann Hesse. This study aimed to enable the hermeneutics of the four existential axes - time; space; the other and realization - in Siddhartha. As a result, a problematization between authenticity and inauthenticity is found in the character. This is an analytical description based on existential phenomenology relying on universal literature as a possible source of understanding the human phenomenon.

Keywords: time; space; self-realization; novel; existential phenomenological philosophy.

¹ Maria Laura de Oliveira Couto - estudante do sétimo semestre do Curso de Psicologia da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). E-mail: lauracouto@uol.com.br.

² Édio Raniere é Mestre em Psicologia Clínica e Doutor em Psicologia Social. Autor de 'O Jardim das Ilusões' e 'Nute: cartografia de um teatro'. Professor de Psicologia na Universidade Federal de Pelotas - UFPel. E-mail: edioraniere@gmail.com.

A busca da autenticidade da experiência em um personagem de Hermann Hesse

Considerações iniciais

Neste ensaio, busca-se desenvolver uma análise existencial-fenomenológica a respeito do protagonista do romance *Sidarta* (1967), de Hermann Hesse. Na tentativa de compreender a construção da matriz existencial-humanista e entender a visão do ser humano sob essa perspectiva teórico-conceitual, realizou-se uma análise do personagem em questão com base nessa abordagem teórica. Para a sua realização, foi utilizado como principal referencial teórico o livro de Monique Augras *O Ser da Compreensão – Fenomenologia da Situação de Psicodiagnóstico*.

O romance de Hesse pode ser considerado uma reformulação da história de Sidarta Gautama, o Buda³. Dessa forma, Hesse cria um novo personagem com o mesmo nome do Buda e com uma história de vida muito parecida também, mas com um desfecho de ideias bastante crítico e original. Será realizada uma breve contextualização da vida de Sidarta, personagem de Hesse, e logo após será abordada a forma com que ele se relaciona com os quatro eixos da teoria existencial fenomenológica, sendo estes: o tempo, o espaço, o outro e a obra.

Para avaliar essa relação do personagem com os quatro eixos, o principal elemento de análise será a sua fala, pois segundo Augras (2012, p. 28),

é a manifestação de sua realidade, e como tal será investigada. Através dela é que serão trazidos a lume as suas vivências: a sua história (o tempo), o seu corpo (o espaço), a sua estranheza (o outro), o seu fazer-se (a obra).

³ Buda é um título que significa "aquele que sabe a verdade" ou "aquele que despertou", aplicado a alguém que atingiu um nível superior de entendimento. Houve vários budas. O primeiro, Sidarta Gautama, é considerado o mais brilhante e também o fundador do budismo, no século 6 a.C. (Diane Stain, 1995).

Contextualização da vida do personagem

Sidarta era um jovem brâmane, belo e sedento de saber. Era idolatrado por todos ao seu redor, os quais viam nele um futuro promissor. Seu maior adorador era seu amigo Govinda, que o seguia onde quer que fosse. Contudo, Sidarta não se sentia feliz, sabia que apesar de já ter aprendido todos os ensinamentos brâmanes, estes não eram suficientes. Assim, insatisfeito com os rituais brâmanes, resolveu partir junto a um grupo de samanas, sábios mendigos nômades, na tentativa de encontrar seu caminho. Após se despedir de seu pai, partiu para a floresta com os samanas e Govinda, seu melhor amigo.

Com os samanas, Sidarta aprendeu uma nova doutrina, aprendeu a meditar e a jejuar. Seu objetivo era distanciar-se do eu, esvaziar-se de tudo, de desejo, de alegria e de pesar. Exterminar-se, distanciando-se de si mesmo; cessar de ser um eu, esse era o objetivo dos samanas. Dessa forma, meditavam, jejuavam, e transferiam suas almas para animais, experimentando novas formas e perspectivas de vida. Porém, após passar três anos na companhia dos samanas, Sidarta percebe que, por mais que tentasse, era impossível anular a própria vida, o próprio “eu”. Assim, ele entende que a única forma de se alcançar a iluminação da alma é através das próprias experiências, e não através de doutrinas. Então, ele e Govinda deixam os samanas e partem ao encontro do Buda.

Ao encontrarem o Buda, os dois amigos passam a entender mais de sua doutrina e, enquanto Govinda vê na doutrina do Buda um ideal de vida, Sidarta percebe-a apenas como mais um modelo a seguir. Isso aumenta a sua certeza de que para se alcançar a iluminação, a plenitude da alma, era preciso que o “eu” tivesse suas próprias experiências, ou seja, sua formação singular, pois é na experiência que o eu se cria e se transforma. Ao chegar a essa conclusão, decidiu que deixaria para trás toda a sua vida passada e que dali em diante não seria mais Sidarta brâmane ou Sidarta samana, mas apenas Sidarta. Por um momento, essa decisão o fez sentir-se completamente só.

A busca da autenticidade da experiência em um personagem de Hermann Hesse

A partir de então, começou a observar mais atentamente o mundo ao seu redor, e aos poucos foi chegando à conclusão de que não era importante apenas pensar, mas também sentir. Assim, atraído pela beleza da cortesã Kamala, acaba entrando em uma cidade e pedindo para que esta o ensinasse a arte dos prazeres. Ela o rejeita e diz que ele somente usufruiria de seus lábios quando possuísse riquezas. Com essa motivação, Sidarta consegue um emprego com o comerciante mais rico da cidade.

No início dessa nova vida de comerciante, a qual Sidarta tinha escolhido, sentia-se como um mero expectador do mundo dos prazeres, sem participar dele realmente, como se em seu interior ainda fosse um samana. Porém, aos poucos foi-se deixando levar pelo estilo de vida dos homens tolos, como os costumava chamar, ao passo que o samana que até pouco tempo habitava seu interior foi-se extinguindo, até o ponto de Sidarta não conseguir mais ouvir a sua voz interior. Então, em uma noite de insônia, começou a sentir nojo de si próprio, nojo da vida que vinha levando e indignação em relação ao ponto que havia se deixado levar. Em seguida, após muito ponderar sobre sua situação, se tudo aquilo que havia conquistado era realmente necessário ou não, decide ir embora, deixar tudo para trás e nunca mais voltar. Ao perceber o ocorrido, Kamala não se surpreendeu, e a partir de então nunca mais recebeu visitas.

Vagueando pela floresta, Sidarta se sentia só e desiludido com sua própria vida, até que resolve subir no galho de uma árvore e se matar atirando-se no rio. Porém, profere a palavra Om e acaba pegando no sono. Ao acordar, sentiu-se rejuvenescido, como se estivesse começando uma vida nova. E, assim, refletindo novamente sobre sua vida, percebe que nenhum pecado foi tão ruim assim, que cada experiência contribuiu para o que ele era naquele momento, chegando a pensar que até mesmo quando ele acreditava estar extinguindo seu próprio “eu” por meio de jejuns e mortificações, ao contrário, essas experiências estavam contribuindo para a formação do seu “eu”. Isso fez com que ele se sentisse muito bem e aceitasse seu destino, fosse ele qual fosse.

Nessa sua nova jornada, passa a morar com um barqueiro chamado Vasudeva à beira do rio. Por um longo período, dedica-se a aprender lições providas pelo próprio rio, como o fato de o mesmo estar em todos os lugares e ao mesmo tempo, e aos poucos vai relacionando essas lições com sua própria existência. Após alguns anos, Kamala ressurgiu na vida de Sidarta e apresenta o filho de ambos, que fora gerado enquanto ele ainda vivia na cidade. Porém, ela é picada por uma serpente e vem a falecer.

Sidarta passa a morar com seu filho na casa de Vasudeva, mas não consegue se aproximar da criança, que o rejeita enormemente. Após muito frustrar-se nessa tentativa de se aproximar do filho, o menino foge para a cidade. Sidarta vai atrás dele, mas não o encontra. Vasudeva há muito tempo insistia que era preciso deixar que o menino seguisse seu destino, mas Sidarta não aceitava. Porém, após muito meditar, Sidarta finalmente percebe que ele próprio havia abandonado seu pai um dia e que era preciso deixar que cada um seguisse o seu destino, assim como seu pai um dia o havia deixado seguir o seu. Assim, estaria tudo em conformidade.

No capítulo final, Sidarta encontra com seu amigo Govinda, tendo este ido à sua procura. Então, ao conversar com o amigo, Govinda percebe que Sidarta mostrava em seu rosto serenidade e paz, tal qual o Buda.

O Tempo

Em sua obra, Augras fala sobre a divisão que se faz do tempo, em passado, presente e futuro. Ela aborda o fato de que se costuma perceber o passado como algo estanque, imutável, e o futuro apenas como um projeto que não se relaciona com os demais tempos. Sob essa perspectiva, traz a ideia de que passado, presente e futuro entremeiam-se, de que são todos um só tempo, uma unidade. Então, o passado não seria algo estanque, separado do presente, mas algo que pode mudar de significado à medida que se adquire novas experiências, ou seja, o passado pode se modificar infinitas vezes ao longo da vida. Da mesma forma, o futuro não é apenas projeto, à medida que também se mescla com o presente. Portanto, de acordo com Augras (2012, p. 35) “não é o

A busca da autenticidade da experiência em um personagem de Hermann Hesse

passado que determina o presente, nem este o futuro. Ao contrário, é o sentido da trajetória do ser que modifica a significação do passado e do presente”.

Trazendo esta ideia para a vida de Sidarta, pode-se dizer que ele somente aceita esta forma de perceber o tempo no capítulo sete, quando após acordar de um sono profundo à beira do rio, sentindo-se renovado, consegue ressignificar o passado, que até então acreditava ser tomado por puro desperdício de tempo, vazio de sentido e repleto de pecados. A partir desse momento, percebe que esses pecados não foram tão ruins assim e que, na verdade, eles fizeram parte das experiências que o ajudaram a formar seu “eu” interior. Dessa forma, atribui a essas experiências outro valor, outro significado. Ao mesmo tempo, aceita o futuro de uma forma diferente, de forma que ao invés de estipular suas metas e traçar caminhos para conquistá-las como costumava fazer, Sidarta decidiu aceitar seu destino fosse ele qual fosse, ou seja, passou a aceitar a dúvida e a incerteza como partes integrantes de seu tempo. Assim, ao olhar o rio, ele o compara com a sua existência, percebendo que da mesma forma que o rio está em todas as partes ao mesmo tempo e em um só tempo, sem uma divisão, suas experiências também estavam em toda parte no tempo, e não de uma forma dividida em passado, presente e futuro.

Outro momento importante na vida de Sidarta é quando após muito tentar se aproximar de seu filho percebe que era preciso deixar que o menino seguisse o seu destino, assim como um dia seu pai havia deixado que ele seguisse o seu. Isso o faz perceber que, por mais que não pudesse estar presente no futuro do filho como gostaria, ainda estaria presente de outras formas nesse futuro, pois ainda faria parte da história daquela criança e viveria através dela, através de suas escolhas, de seus pensamentos e de seus princípios, assim como seu pai também vivia através dele, Sidarta. Ou seja, ele aceita a unidade do tempo, assim como o rio o mostrara que dessa forma tudo estaria em perfeita conformidade, ele, seu pai e seu filho.

Contudo, antes que Sidarta conseguisse perceber sua existência sob essa nova ótica, fez uma substituição de valores, sobre a qual Augras fala em

seu livro quando se refere à cultura contemporânea. Ela diz que “na nossa cultura o homem substitui a afirmativa ‘o tempo é a morte’ por ‘o tempo é dinheiro’” (AUGRAS, 2012 p. 37). Ele fez essa substituição em sua vida no período em que fora comerciante, abandonando seus velhos princípios e passando a dar valor às coisas materiais e aos desejos, comendo e bebendo mais do que o necessário, jogando e apostando quantias cada vez maiores por pura vaidade, deixando que sua “voz interior”, como costumava chamá-la, por um período se calasse.

Outra afirmativa que a autora faz em relação ao tempo é que “permanência, liberdade, e identidade, são intuitivamente colocadas como problemas inerentes ao horizonte temporal” (Augras, 2012 p. 37). Sidarta vive constantemente esses paradoxos. Em relação à permanência, vive por determinados períodos diferentes métodos de se alcançar a plenitude espiritual, seja os métodos brâmanes ou dos Samanas, permanecendo em cada um deles por vários anos. Em relação à liberdade, Sidarta só entra realmente em contato com ela quando se depara com o vazio, somente nesse momento entende que pode escolher e que sempre fora livre, inclusive no seu passado, mas que até então não sabia. Assim, após um período de extrema angústia, aceita seu futuro fosse ele qual fosse, ou seja, aceita a incerteza, a dúvida, a liberdade. Por fim, quanto à identidade, Sidarta se percebe de formas diferentes ao longo de sua existência, ou seja, ele foi Sidarta brâmane, Sidarta samana e também Sidarta livre no final ou, como ele mesmo dizia, “apenas Sidarta”. A sua identidade, portanto, se construiu ao longo do tempo, ao longo de suas experiências, visto que todos esses “Sidartas” constituem um só.

No que se refere ao tempo biológico, Sidarta sempre deixa bem claro seu ponto de vista em relação à velhice. Para ele, esta sempre manteve o mesmo significado, pois ao longo de toda a sua existência, tanto enquanto brâmane, samana ou quando se libertou de todas as doutrinas, a ideia de uma pessoa anciã sempre o remeteu à sabedoria.

Sidarta também fala muito sobre o tempo quando frequentemente se preocupa em ter alçado a mesma plenitude espiritual que o Buda foi capaz de

A busca da autenticidade da experiência em um personagem de Hermann Hesse

alcançar antes que morresse. Ou seja, existe uma preocupação com o tempo biológico, com o fato de ficar velho, e existe uma preocupação em relação à finitude da vida, de alcançar a iluminação antes da morte.

Por fim, cabe colocar que o tempo histórico de Sidarta foi 600 a.C., que foi o mesmo tempo em que viveu Sidarta Gautama, o Buda.

O Espaço

No livro *O Ser da Compreensão*, a autora afirma que o “espaço do nosso corpo anatômico se estende até onde vai esta sensação de unidade conosco” (Augras, 2012 p. 46). No caso de Sidarta, a extensão não é apenas do corpo anatômico, mas uma extensão espiritual, pois não ocupa apenas o espaço de seu corpo, mas sai do mesmo para viver no lugar da natureza, da árvore, do pássaro. Portanto, ele passa a ocupar espiritualmente outros espaços, outros corpos. Isso se dá no período em que foi samana, durante as suas inúmeras tentativas de anular o eu, criando assim uma extensão do espaço de seu corpo para “ocupar” também outros corpos e experimentar viver sob perspectivas diferentes.

Ainda falando sobre a questão do corpo como espaço, Augras coloca que a consciência de ser um corpo é muito importante para que consigamos distinguir o que é nosso e o que é exterior, e que da mesma forma isso contribui para a ideia de identidade do homem, à medida que o corpo também ajuda na diferenciação entre o eu e o outro. Porém, como citado anteriormente, a forma com que Sidarta se relacionava com o mundo exterior era muito peculiar, visto que ao se deparar com animais ele não se relacionava com os mesmos através do toque ou da observação, mas conseguia por um certo período viver no lugar daquele animal, ou seja, era como se saísse de seu corpo e passasse a viver através da perspectiva do animal. Isso era uma forma de anular o próprio eu por alguns períodos, sendo que o que o deixava mais frustrado era o fato de sempre acabar voltando para si, mesmo que depois de muitos dias vivendo de variadas formas, através de animais ou da própria natureza. Pode-se dizer então que essa diferenciação entre o eu e o não eu nem sempre era muito clara

para Sidarta, principalmente no que se refere à diferenciação proporcionada pelo corpo. Outro fato interessante é que ele não tinha o menor cuidado com o seu corpo, deixando de comer e beber por muitos dias, passando três anos ao relento, o que o fez adoecer e curar-se por diversas vezes. Isso acontecia justamente por causa da tentativa, enquanto samana, de anular o próprio eu, o que parecia refletir-se numa tentativa de anulação do próprio corpo, que era deixado a definhando e adoecer por achar que esse corpo não era importante, bem como o seu próprio eu.

Porém, apesar da tentativa de Sidarta de apagar o seu próprio eu através do “abandono” de seu corpo e de suas necessidades básicas, como comer, beber e dormir, seu corpo não deixou de manifestar sua individualidade e identidade, pois as próprias crenças e verdades em que ele acreditava, como a eliminação do desejo através da meditação, e conseqüentemente do sofrimento, se mostravam através do tratamento que ele destinava a seu corpo e da conseqüente aparência do mesmo. Ou seja, a própria manifestação desse espaço de Sidarta, que é seu próprio corpo, fala muito de sua individualidade e identidade.

Ao longo do livro, Sidarta descreve os corpos muito detalhadamente e por repetidas vezes, um exemplo é a descrição da boca de Kamala, sua amante, que ele compara com um figo recém-cortado. Em outras situações, descreve-os como uma forma de denunciar o tempo biológico de cada um, descrevendo a pessoa como bela ou anciã, como sensual e atraente ou demasiado fraca, vulnerável, sem condições. Descrições estas feitas através da observação dos corpos. Isso mostra que o tempo biológico para Sidarta teve por muito tempo significativa influência em seu modo de pensar, até mesmo pela sua divisão do tempo em passado, presente e futuro, que por muitos anos de sua vida se mostra de forma marcante. Outro aspecto em relação à sua forma de se relacionar com o espaço corpo é o fato de que somente teve a experiência de explorar o próprio corpo quando já estava com quase quarenta anos, que foi quando conheceu Kamala e virou comerciante. Nessas explorações, percebeu

A busca da autenticidade da experiência em um personagem de Hermann Hesse

que era possível se chegar a questionamentos a respeito do próprio “Ser”, como questões relacionadas à capacidade de amar.

Outro aspecto que a autora traz em relação ao espaço se refere à casa, a qual ela considera como o espaço primitivo do homem, que é construído por esse para garantir sua proteção. Trazendo esta ideia para a vida de Sidarta, pode-se dizer que, ao longo de sua existência, ele nem sempre possuiu uma casa. Ele a possuiu enquanto brâmane, depois enquanto comerciante e ainda quando foi morar na cabana de Vasudeva, mas enquanto foi Samana sua casa era a floresta, a natureza. Ou seja, foram todas casas diferentes, espaços diferentes, e não necessariamente tradicionais, com teto e paredes, pois por muito tempo viveu ao relento. Por isso, cabe dizer que Sidarta não construiu um espaço primitivo como espaço físico, mas um espaço interior de onde ele dizia vir a “voz interior”, voz essa um tanto primitiva, que parecia orientá-lo quando este se desviava de seu caminho.

De acordo com Augras, o espaço serve para isolar e para comunicar. Então, da mesma forma que na afirmação anterior, Sidarta nem sempre possuiu um espaço físico que o proporcionasse tal isolamento, o que fez com que também usasse de seu espaço interior como refúgio, ou seja, era através da meditação que ele isolava-se do mundo.

O Outro

O conceito de Homo Duplex, de Edgar Morin (1969), alude ao fato de que o outro está dentro de nós e nós estamos dentro do outro, portanto, nunca somos um só. De fato, Sidarta mostra ao longo do livro que tem dentro de si pessoas muito importantes, como seu pai, seu amigo de infância Govinda, o próprio Buda, sua amante Kamala, o barqueiro Vasudeva e, por fim, seu filho. Todas essas pessoas são mencionadas inúmeras vezes por Sidarta, suas memórias com cada uma delas, a falta que sentia e principalmente as experiências e os aprendizados que teve com cada uma.

Portanto, cabe falar aqui do conceito de coexistência, que se refere à aceitação de que o outro existe de toda e qualquer forma nele e em mim mesmo,

e que, portanto, coexistimos mesmo quando estamos sozinhos. Dessa maneira, pode-se dizer que Sidarta aceita a ideia de coexistência quando finalmente assume que sente falta do outro. Esse momento se dá quando se depara com o vazio existencial, pois é nesse momento que percebe que está realmente só, o que o atormenta profundamente. É nesse momento que consegue realmente assumir a falta do outro, esses novos sentimentos e percepções o desorganizam de tal forma que pensa em suicidar-se. O suicídio, para Sidarta, seria o fim de suas dúvidas e incertezas, o fim da possibilidade angustiante de escolha, da liberdade com que ele então se deparava e o fim daquela existência vazia de sentido que ele acreditava ter cultivado até então.

Para Augras, a máscara é uma forma de se mostrar e de ostentar, ao invés de esconder, como se entenderia a partir do viés psicanalítico. Assim, Sidarta ostentava sua realidade e suas crenças ao longo dos diferentes períodos de sua existência através de seu corpo. Enquanto samana, seu corpo transmitia doença, fome, sede, cansaço. Já enquanto comerciante, ostentava luxo, desejo, riqueza, através de seus finos sapatos e roupas. Enquanto barqueiro, transmitia serenidade, tranquilidade e aceitação. Essas máscaras, portanto, não eram estanques na vida de Sidarta, ao mesmo tempo em que ostentavam as peculiaridades de cada momento de sua existência.

Cabe citar também, no que se refere ao outro, sobre a ideia de contínuo entre o eu e o outro, ou seja, essa ideia reflete o fato de que é quando estamos tentando compreender o outro é que compreendemos a nós mesmos. Estabelecendo um paralelo com a vida de Sidarta, é nítido que é na tentativa de compreender o método do Buda de alcançar a iluminação da alma que compreende a si mesmo, percebendo que cada um tem que criar o seu próprio método, ao invés de seguir doutrinas, pois as experiências e as significações não podem ser copiadas, pois elas são únicas, são subjetivas.

Outra ideia que pode ser abordada aqui é a da filosofia da diferença, de que estamos o tempo todo nos diferenciando uns dos outros à medida que nos relacionamos com eles. Sidarta não apenas se diferencia dos outros à medida que se relaciona com eles, mas também se perde nos outros por não ter

A busca da autenticidade da experiência em um personagem de Hermann Hesse

bem claro para si quem era ele mesmo. Ele se perde entre os samanas por três anos, até que ao longo de seu convívio finalmente consegue se diferenciar dos mesmos, entendendo quais eram as suas próprias percepções sobre o que estava vivendo ali. Por um tempo também se perde no comerciante Kamasvani, adquirindo os mesmos hábitos e valores que este, até que novamente se diferencia do mesmo ao perceber que aqueles valores não eram seus, mas de Kamasvani.

O próprio Sidarta afirma que de nada nem de ninguém sabia menos do que dele mesmo. Em função disso, por muito tempo significa essas experiências como vazias de sentido e, muitas vezes, como verdadeiros pecados. Até que um dia finalmente consegue ressignificar esse passado e perceber que nenhuma experiência foi tão ruim assim, que nenhum pecado foi tão grave também, e finalmente entende que todas essas experiências foram necessárias para que ele então criasse o seu próprio “método” de alcançar a iluminação, assim como o Buda foi capaz de criar o seu através de suas próprias experiências.

Uma frase que exemplifica perfeitamente essa ideia de Augras (2012, p. 63): “Os outros não designam a totalidade daqueles que não sou, dos quais me separo, pelo contrário, os outros são aqueles dos quais a gente não se distingue, e entre os quais se encontra também”.

A Obra

É possível entrar em contato com a obra de Sidarta através de sua fala, pois é através desta que conseguimos entender a sua obra implícita, ou seja, sua própria vida, o seu percurso para encontrar-se. Pode-se dizer que a obra de Sidarta se dá na busca, ao longo de sua vida, de alcançar a plenitude espiritual, sendo que tenta por diversas vezes alcançá-la através dos métodos de outras pessoas, até o dia em que finalmente percebe que é preciso alcançar a plenitude na sua própria maneira.

De acordo com Augras (2012, p. 102), “as características do caos são o silêncio e a imobilidade. A criação vai ser palavra e movimento, significação e mudança”. Sob essa perspectiva, pode-se dizer que Sidarta depara-se com o caos quando entra em contato com o vazio existencial e percebe que é livre para escolher, sendo o único responsável por suas escolhas. Nesse momento, nada mais faz sentido para Sidarta, então ele fica só à beira do rio e pensa em suicidar-se. Também de acordo com a afirmativa da autora, o momento de maior criação de Sidarta se dá logo após acordar à beira do rio, depois de ter pensado no suicídio e vivido esse momento de caos existencial, pois acorda sentindo-se renovado e consegue finalmente ressignificar todas as suas experiências passadas, decidindo mudar sua forma de encarar a vida e o destino. Nesse momento, ficam evidentes a criação, a significação e a mudança.

Para Eliade (1973, citado por Augras, 2012, p. 102), outra ideia que vale ser ressaltada é a seguinte: “É frequente o tema do homem primordial, perto da perfeição, que decai, tornando-se mortal, frágil, ameaçado. O anseio de transformar o mundo justifica-se então pelo desejo da retomada do poder perdido”.

Antes de pensar em suicidar-se, Sidarta era esse homem próximo da perfeição, que tinha mais dinheiro do que precisava, a admiração das pessoas, jardins e árvores só seus e uma bela amante. Da mesma forma, Sidarta vive o anseio pela retomada do poder perdido ao acordar, quando cria uma nova forma de perceber a própria vida e a própria identidade.

Augras (2012, p.104) discorre sobre os ritos de passagem das sociedades ditas primitivas, as quais evidenciam o caráter global e irremediável da mudança. Após a “iniciação”, o novo membro do grupo dos adultos é considerado como outra pessoa, diferente do jovem que anteriormente fora. O indivíduo tornou-se outro. O mundo mudou. Não há transição de um status social para outro. Há passagem entre dois níveis diferentes do universo.

Na fala de Sidarta, essas divisões bruscas não aparecem, o que fica evidente é um contínuo de experiências que se somam e que nunca são esquecidas, mas ressignificadas ao longo de sua existência. Além disso, essas

A busca da autenticidade da experiência em um personagem de Hermann Hesse

experiências levam Sidarta a concluir que tanto o Sidarta brâmane, quanto o samana e o ancião eram todos o mesmo indivíduo, acabando com a ideia de cisão entre os diferentes momentos de sua existência.

Por fim, pode-se afirmar que a obra que Sidarta teve que compreender para finalmente abrir-se à liberdade, foi a própria vida, as próprias experiências e sentimentos em relação a elas.

Conclusão

Sidarta apropriou-se da própria vida somente quando se deparou com o vazio existencial, ou seja, foi ao enfrentar a angústia que percebeu que era realmente livre para escolher, que sua vida não dependia da doutrina nem das experiências de outras pessoas, mas de suas próprias. De acordo com Abrão (1999), essa angústia é para Heidegger um sentimento paradoxal, à medida que provoca tanto a sensação de liberdade quanto a de vazio existencial.

Pode-se dizer também que Sidarta viveu por muito tempo de forma inautêntica, pois fugia constantemente do seu “eu”, na verdadeira busca de anulá-lo por completo. Isso se dava o tempo todo, enquanto procurava viver de acordo com doutrinas e experiência de outras pessoas, como os brâmanes, os samanas e como comerciante. Foi devido à frustração em não conseguir anular seu “eu” que começou a se questionar sobre a vida que estava levando e os princípios que até então o moviam. Nesse momento, percebeu que era o único responsável por suas escolhas e que nunca alcançaria as mesmas experiências de seus mestres pelo simples fato de que as experiências são únicas, subjetivas. Portanto, aceitou que teria que seguir seu próprio caminho e buscar através de suas próprias experiências alcançar a plenitude espiritual.

Para Heidegger (2005), o ser existe e depois pensa. Portanto, primeiro ele se relaciona com o mundo e a partir das experiências se constrói, se singulariza, criando assim a sua essência. Sidarta levou muito tempo para perceber isso, que era preciso deixar que o seu “eu” existisse, que ele experimentasse, tentando impedir que isso acontecesse de todas as formas

possíveis, deixando de comer, de beber, de dormir, procurando viver através de árvores, aves e outros animais, senão viver como ele mesmo, Sidarta.

Portanto, Sidarta por muito tempo viveu alheio a si próprio, vivendo da experiência, da opinião e dos rituais criados por outros, o que o poupava da angústia ao afastá-lo da autenticidade de sua existência.

Ele só vai conseguir entender a temporalidade de uma forma autêntica quando, ao fazer uma retrospectiva de tudo que viveu, de todos os desvios e todas as mudanças abruptas que se passaram em sua vida desde a sua infância, consegue ressignificá-las, percebendo que cada “pecado” não tinha sido tão ruim assim. Uma de suas falas que ilustra essa afirmativa é “e, todavia, acho que esses desvios me fizeram um grande bem”. Da mesma forma, nesse momento consegue aceitar o futuro como sendo repleto de dúvidas e incertezas, e como sendo parte de seu presente também. Por fim, cabe abordar o conceito de saúde de Augras (2012, p. 12):

A saúde não é um estado, mas um processo, no qual o organismo vai-se atualizando conjuntamente com o mundo, transformando-o e atribuindo-lhe significado à medida que ele próprio se transforma. [...] Do ponto de vista do indivíduo, isto leva àquilo que chamamos de experiência.

Dessa forma, ao longo de sua existência, Sidarta se constrói à medida que experimenta as coisas, as doutrinas e os diferentes estilos de vida e de valores. Além disso, Augras coloca que a saúde e a doença não são opostos, mas integrantes de um mesmo processo. Portanto, um dos momentos da existência de Sidarta em que se encontrava doente, a partir dessa perspectiva seria o momento em que pensou em suicidar-se, pelo fato de não conseguir mais fazer significações, ou seja, tudo tinha perdido o sentido, o que tem relação direta com a sua percepção do vazio existencial e com a angústia que isso gerou. Pode-se dizer que foi por um lapso de saúde que não concretizou o ato de suicidar-se,

A busca da autenticidade da experiência em um personagem de Hermann Hesse

ou seja, apesar de ter chegado ao extremo da angústia e da desadaptação às situações da vida, Sidarta foi capaz de voltar a significar o mundo e se readaptar a ele de forma mais autêntica, aceitando a finitude, a temporalidade e o fato de que nem sempre será possível alcançar os fins desejados, mas que bastava estar a caminho dos mesmos.

Referências Bibliográficas

- Abrão, B. S. (1999). *História da Filosofia*. São Paulo, SP: Nova Cultura.
- Augras M. (2012). *O ser da compreensão: fenomenologia da situação de psicodiagnóstico*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Heidegger, M. (2005). *Carta Sobre o Humanismo*. São Paulo, SP: Centauro.
- Hesse, H. (1967). *Sidarta*. Rio de Janeiro, RJ: Editora Civilização Brasileira S.A.
- Morin, E. (1969). *Le vif du sejut*. Paris: Le Seuil.
- Stain, D. (1995). *Reiki essencial – Manual Completo sobre uma Antiga Arte da Cura*. São Paulo, SP: Pensamento-Cultrix LTDA.